



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS III
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA HELOYZA DE ANDRADE AUGUSTO

**O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE
INFANTIL**

**GUARABIRA - PB
2014**

MARIA HELOYZA DE ANDRADE AUGUSTO

**O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Esp. Rônia Galdino da Costa.

GUARABIRA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A923p Augusto, Maria Heloyza De Andrade
O papel do professor no desenvolvimento da Sesualidade infantil [manuscrito] : / Maria Heloyza De Andrade Augusto. - 2014.
14 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Rônia Galdino da Costa, Departamento de Educação".

1. Infância. 2. Educação Infantil. 3. Sexualidade. I. Título.
21. ed. CDD 372.21

MARIA HELOYZA DE ANDRADE AUGUSTO

O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE
DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho apresentado à Coordenação do
Curso de Pedagogia da Universidade
Estadual da Paraíba – UEPB como
requisito parcial para a obtenção do Grau
de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 23 / 07 / 2014.

Rônia Galdino da Costa

Profa. Especialista Rônia Galdino da Costa / UEPB
Orientadora

Azemar dos Santos Soares Júnior

Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior / UEPB
Examinador

Rosilene Agapito da Silva Llerena

Profa. Ms. Rosilene Agapito da Silva Llerena / UEPB
Examinadora

O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL

AUGUSTO, Maria Heloyza de Andrade¹

RESUMO

O papel do professor no desenvolvimento da sexualidade infantil é de grande relevância. O professor é o mediador de conhecimentos necessários, e interage diretamente com o aluno frente às suas dúvidas e curiosidades, contribuindo para desenvolver e exercer de uma sexualidade responsável. Neste sentido, objetivo verificar como o professor pode atuar de forma eficaz e positiva no desenvolvimento da sexualidade infantil. A metodologia utilizada é uma pesquisa bibliográfica e qualitativa. Apresentando esta reflexão sobre a função do professor enquanto orientador sexual, esperamos contribuir com alguns professores que encontram em sua prática inúmeras dificuldades para abordar o tema em sala de aula com as crianças.

Palavras-chave: Infância. Professor. Sexualidade.

1 INTRODUÇÃO

O papel do professor no desenvolvimento da sexualidade infantil contribui para que as crianças possam vivenciar uma sexualidade saudável e prazerosa. Através da socialização de informações educativas, o professor pode ajudar a criança a esclarecer suas dúvidas e angústias, possibilitando um desenvolvimento mais equilibrado.

Presente diretamente com as demandas pessoais de cada um, o professor pode estar cooperando com os alunos para refletirem sobre seu desenvolvimento psicosssexual.

Considerado a pessoa mais apropriada para orientar os alunos sobre sua sexualidade, o professor precisa estar preparado, possuir disponibilidade pessoal e ser dialógico, não lhe cabendo em momento algum impor seus valores pessoais sobre o assunto. Sua atuação marca de forma positiva ou negativa a construção da sexualidade do aluno. Não é necessário que o profissional seja um médico ou

¹ Graduanda em Licenciatura Plena de Pedagogia na UEPB, Campus III. E-mail: heloyzaandradeuepb@gmail.com.

especialista, mas é preciso que possua conhecimentos claros e objetivos, estando atento para o desenvolvimento da pessoa.

O objetivo deste trabalho é verificar como o professor pode atuar de forma eficaz e positiva no desenvolvimento da sexualidade infantil. Assim, busco compreender a sexualidade como característica própria de cada indivíduo, concebendo a criança como um ser sexuado, entender como acontece a sexualidade infantil segundo Sigmund Freud e analisar a função do professor, possibilitando reflexões críticas sobre sua postura.

A escolha desse tema surgiu a partir de uma inquietação da minha prática docente, em que um aluno fez uma pergunta sobre um assunto que envolve a sexualidade e eu mim constrangi para responder. Por ter vivenciado dificuldades e constrangimentos, resolvi buscar entender como deve ser a atuação do professor frente à abordagem da sexualidade humana.

O artigo é relevante por contribuir para que as crianças possam vivenciar sua sexualidade sem preconceitos e de forma segura, propondo reflexões para as pessoas que participam diretamente na vivência da sexualidade delas, propiciando a desconstrução de tabus e discriminações entre elas: pais ou cuidadores, ou seja, a família. Apresentando informações objetivas e claras, ele colabora com os professores em suas práticas educativas, ajudando-os a pensar como exercer sua função de forma significativa.

As reflexões presente neste artigo também podem contribuir com a educação no sentido de incomodar e inquietar os sistemas responsáveis pela área educacional, como exemplo, o MEC (Ministério de Educação e Cultura), para que possam surgir novos olhares para o trabalho pedagógico, implicando no surgimento de uma formação docente mais apropriada que ajude os professores a atuar de forma eficaz. Se nenhuma preparação é oferecida ao profissional, como que os professores podem atuar positivamente? O que o Ministério de Educação e Cultura pode está fazendo para que em nossa realidade ocorram mudanças? É preciso que providencias sejam tomadas.

Estudos comprovam que quanto mais cedo forem orientadas as pessoas sobre sua sexualidade, menores serão os anseios e angústias em sua vida, implicando em bons resultados futuramente. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE), em escolas do Brasil e Belo Horizonte, revelam que desde muito cedo adolescentes começam a ter relações sexuais, o que implica na necessidade

de a educação sobre a sexualidade iniciar-se bem cedo para que possibilite aos sujeitos tomadas de decisões responsáveis.

Desta forma, a pesquisa aponta que as propostas de Orientação Sexual podem gerar comportamentos positivos, prevenindo as pessoas de muitos riscos, criando oportunidades para novas formas de agir. O acesso a informações na escola sobre DSTs/AIDS, gravidez na adolescência, aborto entre outros temas podem marcar positivamente a vida de muitos alunos.

No primeiro momento apresentamos uma breve introdução com os objetivos e relevância deste artigo. No segundo momento, abordaremos o termo sexualidade, buscando compreender como ocorre o seu desenvolvimento e que aspectos podem influenciar durante sua realização.

No terceiro momento nos deteremos na sexualidade infantil e suas fases de desenvolvimento a partir das teorias de Freud. Neste, também abordamos uma breve história da infância para que possamos entender o porquê da sexualidade infantil ser considerada uma prática negada durante séculos. No quarto momento trataremos o papel do professor como algo essencial na vida das crianças, apontando o profissional como a pessoa mais indicada para auxiliar a criança em seu desenvolvimento e suas dificuldades. Por fim, apresentaremos as considerações finais.

2 A SEXUALIDADE

A sexualidade é uma característica inata do ser humano presente em todos os aspectos da vida, que surge logo após o nascimento e acompanha o indivíduo até a morte. Ela está presente em todo o ser, compreendida como um conjunto de relações corporais, sentimentais, psíquicas, que estão voltadas ao desejo e ao prazer da pessoa.

A vivência da sexualidade se manifesta de forma diferente em cada indivíduo, pois como sua construção ocorre ao longo da vida, “encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura e ciência de cada sujeito” (BRASIL, 1997, p. 17). Desta forma, a sexualidade passa a ser construída através das experiências vividas por cada um, com certa influência sociocultural, que busca estabelecer o que é certo ou errado para tal prática.

Segundo Lorencini Júnior:

A sexualidade humana é resultante de um complexo processo envolvendo a hereditariedade e as pressões ambientais, exercidas primeiramente pela cultura, que interagem, influenciam e selecionam o comportamento sexual (LORENCINI JÚNIOR, 1997, p. 87).

Indissociável de valores, a sexualidade não deve ser separada de outros aspectos da vida. Mesmo possuindo três formas distintas de abordagem sobre o assunto, a religiosa, a pedagógica e a política, independente de qual seja a visão de cada grupo, torna-se necessário que as pessoas mantenham uma relação saudável e positiva com sua sexualidade. “Se a possibilidade de andar implica o desejo de andar, a possibilidade de pensar ou exercer a sexualidade nascente também a supõe necessariamente” (PINTO, 1997, p. 45).

Proposto como um tema transversal, a sexualidade necessita ser compreendida, para que ocasione benefícios para todos. Neste sentido, as propostas de orientação sexual não devem considerar a sexualidade apenas como característica exclusiva biológica ou cultural. Em uma aula sobre reprodução humana, por exemplo, não se devem trazer apenas as representações do órgão reprodutor masculino e feminino, mas a parte psíquica: a opção de ter ou não um filho, a econômica: quais são os custos para ter um filho, entre outros aspectos. Torna-se necessário que as informações e orientações sexuais estejam atentas para todas as dimensões humanas, tais como: biológica, psíquica, econômica e sociocultural, caracterizando o ser humano.

3 A SEXUALIDADE INFANTIL

Pensar sobre a sexualidade infantil nos remete a citar importantes contribuições do teórico Sigmund Freud, que a partir de suas análises aponta a criança como um ser sexuado. Em um dos principais aspectos de suas descobertas, ele expõe: “A função sexual existe desde o principio da vida, logo após o nascimento, e não só a partir da puberdade como afirmavam as ideias dominantes” (BOCK, 2008, p. 50). Para Freud, desde muito cedo, o indivíduo pode encontrar o prazer em seu próprio corpo, através de regiões erógenas.

Esses estudos freudianos provocaram fortes choques na sociedade, uma vez que as crianças antigamente eram vistas como puras e inocentes. “A história da

infância move-se por “linhas sinuosas”, de modo que a criança pode ter sido considerada impura no início do século XX, como o fora na Alta Idade Média” (HEYWOOD, 2004, p. 239).

Antes da descoberta da infância, no período medieval, a criança não possuía identidade própria, era considerada como página em branco a ser preenchida pela vida adulta. “A criança era no máximo, uma figura marginal em um mundo adulto” (HEYWOOD, 2004, p. 10). A criança era uma construção social e cultural, sujeitos sem nenhum direito.

Segundo Áries:

Durante a Idade Média, antes da escolarização das crianças, estas e os adultos compartilhavam os mesmos lugares e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa. Na sociedade medieval não havia a divisão territorial e de atividades em função da idade dos indivíduos, não havia o sentimento de infância ou uma representação elaborada dessa fase da vida (ARIÈS, 1973).

Só a partir do século XV ela passa a ser vista como pessoa importante que necessita de atenção, vindo “a surgir um sentimento de que as crianças são especiais e diferentes, e, portanto, dignas de ser estudadas” (HEYWOOD, 2004, p. 10).

Nos dias de hoje, as crianças são observadas como sujeitos de direitos, “que se caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio” (BRASIL, 1998).

Mesmo diante desse contexto, nota-se que em pleno século XXI, “criança e sexualidade são instituições sociais ligadas a práticas relacionais e modos de educação, que caminham e convivem juntas sob influências do meio cultural” (SCHINDHELM, 2011, p. 3). Falar sobre a sexualidade na infância ainda hoje é prática negada e silenciada, em que mesmo sendo algo inerente ao ser humano, cria certos constrangimentos para a sociedade, pois é comum encontrar aqueles que se amedrontam quando se deparam com situações em que constataam a criança na busca pelo prazer.

Não há como negar que logo na infância se encontram presentes as fases de desenvolvimento sexual. Fases estas, que se forem esclarecidas desde cedo podem implicar em uma vida adulta saudável e prazerosa.

3.1. FASES DE DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL INFANTIL

De acordo com as teorias de Freud, o autor citado no início deste capítulo, a sexualidade humana evolui conforme cinco fases de desenvolvimento: fase oral, anal, fálica, latência e genital. Contudo, ao se tratar das fases de desenvolvimento infantil, referente aos alunos da Educação Infantil, que são crianças de zero a cinco anos de idade, estas se encontram postuladas apenas nas três fases iniciais: a oral, a anal e a fálica.

Estas fases encontradas na primeira e segunda infância são nomeadas por Freud como as pré-genitais. Em cada uma delas é possível encontrar na criança uma parte do seu corpo que lhe possibilita maior prazer, chamada de região erógena.

A primeira fase, a oral, vai do zero aos dois anos de idade. Nela a região do corpo que propicia maior prazer à criança é a boca, o que explica a sensação dos pequenos em estar a todo o momento com objetos nessa região. Mamar, chupar o dedinho, a chupeta, morder entre outras atividades torna-se muito prazeroso nesta fase da infância. É pela boca que a criança conhece o mundo externo, contudo muitas vezes ela é punida por realizar comportamentos que lhe causam prazer. Os pais, às vezes nem entendem como seu filho estar se desenvolvendo, e a criança ao morder, por exemplo, leva uma tapa na boca. A necessidade da compreensão da sexualidade da infantil é indispensável.

A segunda fase, a anal, é compreendida aos dois anos de idade, tendo como zona erógena a região anal e uretral. Este é o período adequado para ensinar a criança a controlar os esfíncteres, cabendo a ela controlar as fezes e a urina. As fezes podem se tornar uma arma perigosa, pois ao descobrir que pode controlar o que sai de seu interior, a criança pode utilizá-la como um presente ou como algo que sirva para provocar seus cuidadores.

A terceira e última fase pré-genital do desenvolvimento psicosexual infantil é a fase fálica, concebida entre os três e seis anos de idade. Nesta, o prazer volta-se para região genital: o falo é o pênis, e como as meninas não têm passam a desejar ter um. Ao perceberem que existem diferenças biológicas entre os sexos, as crianças imaginam que as meninas não possuem o pênis porque foi arrancado.

Outro acontecimento a se destacar nesta fase é a masturbação, que mesmo sendo um comportamento natural, causa constrangimento para os pais, cuidadores

e o professor. Na sala de aula o professor ao ver o aluno se masturbando, se amedronta e ainda nomeia o aluno como “enxerido” entre outras nomenclaturas. Também está ocorre nesta fase o complexo de Édipo, meio pelo qual ocorre a estrutura psíquica do indivíduo.

No complexo do Édipo, o menino passa a apresentar desejos sexuais pela mãe e a ter o pai como rival. Segundo Bock, “ele procura ser o pai para “ter” a mãe, escolhendo acesso modelo de comportamento e passando a internalizar as regras e as normas sociais representadas e impostas pela autoridade paterna” (BOCK, 2008, p. 50).

Para Freud, o mesmo acontece com as meninas, o que ele nomeia de Édipo feminino, sendo o pai o objeto de desejo. Por perceber que eles podem perder o amor dos pais, as crianças deixam de lado seus desejos e voltam sua atenção para o meio social.

4 O PAPEL DO PROFESSOR

Abordar o tema sexualidade na sala de aula não é uma tarefa fácil para o professor, pois se trata de um assunto complexo, visto com preconceitos e tabus e composto por elementos que dificultam a socialização do conteúdo tais como: alunos com suas vidas compostas por valores culturais e morais a serem cultivados e ainda a escola, com suas regras e normas sobre a proposta de orientação sexual.

Contudo, no dia a dia nas escolas, especificamente nas salas de aula, as informações sobre a sexualidade estão se tornando cada vez mais necessárias, tanto pelo fato de os alunos se mostrarem mais interessados pelo assunto, quanto pela demanda social existente.

Em pleno século XXI, muitos jovens afirmam saber tudo sobre a sexualidade, o que não passa de um engano, pois se o conhecimento é tão grande como eles pensam, questiona-se o que é feito com todas as informações já que não estão sendo postas em prática. O número de gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, abortos, entre outros acontecimentos estão mais frequentes no meio social e só aumenta.

Frente a essa realidade, a família e a escola se encontram preocupados com esses indivíduos que recebem tantas informações sem nenhuma função educativa. “Muitas escolas, conscientes de sua responsabilidade social e/ou pressionadas

pelos pais, estão procurando colocar em prática a chamada orientação sexual” (SAYÃO, 1997, p. 99).

O professor passa a possuir uma função essencial nessa fase da vida de seus alunos, em que o profissional é o mediador de conhecimentos precisos na vida de cada aluno. As informações rodeiam as crianças de formas múltiplas, família, escola e sociedade oferecem dados sobre o assunto, mas nem sempre são informações que contribuem para o bem-estar da pessoa com sua sexualidade. Qualquer informação não implica numa orientação segura e saudável.

“O objetivo da Orientação Sexual é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade” (BRASIL, 1997b, p. 133). Quanto mais cedo e mais claras forem as orientações, melhores serão os resultados futuramente. Os professores precisam desempenhar de forma significativa seu papel, ajudando os alunos a superarem suas dúvidas, ansiedades e angústias.

A cada etapa de desenvolvimento do ser humano surgem novas descobertas que trazem como conseqüências inquietações e curiosidades. Essas conseqüências precisam ser esclarecidas para que a pessoa possa viver de forma segura.

É fundamental que o professor esteja atento aos interesses e curiosidades das crianças, ouvindo e respeitando o pensamento e a individualidade de cada um. Assim, para que o professor possa exercer bem sua função, torna-se preciso que ele se encontre bem consigo e com sua sexualidade.

Conforme Souza (2010), para que o professor seja capaz de realizar uma boa orientação sexual precisa:

Além de uma formação adequada, fazer uma revisão profunda da sua própria sexualidade. Revivê-la desde a infância, analisar sua aprendizagem, as emoções sentidas, as ansiedades vividas. Reviver seus medos e tentar trabalhar o que ficou e que talvez o incomode até hoje. Aceitar sua própria história de vida. Fazer uma terapia consigo mesmo (SOUZA, 2010, p. 80).

Deste modo, o professor precisa compreender que a busca de saber dos alunos é algo normal, cabendo a ele possibilitar reflexões críticas para que as dúvidas, anseios e comportamentos sejam pensados.

É importante salientar que em momento algum o professor pode apontar o que é certo ou errado para vida de cada um, visto que o comportamento sexual de cada indivíduo é constituído por valores e crenças individuais.

Uma criança de cinco anos na sala de aula perguntou a professora o que era aborto e ela respondeu que era um assassinato. Sua resposta foi equivocada, pois o correto seria que ela respondesse que o aborto é uma interrupção da gravidez, pois em sua resposta ela impôs seus valores pessoais acerca do tema. O aborto pode ser um assassinato para a professora, mas na concepção de outras pessoas pode ser que não. “Nesse sentido, a proposta de Orientação Sexual deve considerar a sexualidade nas suas dimensões biológica, psíquica e sociocultural” (BRASIL, 1997b, p. 117), não cabendo ao professor impor seus valores pessoais acerca do tema.

O papel do educador é o de orientar seus alunos, estando atento para o desenvolvimento e maturidade dos mesmos, criando um clima afetivo, confiante e dialógico.

Será por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir as informações, pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro, que o aluno conseguirá transformar e/ou reafirmar concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código de valores (BRASIL, 1997b, p. 128).

Para realização de uma boa orientação sexual, o professor precisa ser comunicativo, ouvinte, estar preparado e possuir disponibilidade pessoal para exercer sua função, tendo em vista que ele é o profissional mais indicado devido a manter contato com as demandas pessoais de seus alunos. Não é obrigado que o professor seja especialista, um médico ou psicólogo, mas é preciso que ele possua conhecimentos adequados, claros e objetivos para se discutir. “Estudar, pesquisar, ter recursos didáticos, realizar trocas com outros profissionais e ter assessoria é fundamental” (SOUZA, 2010, p. 80).

As diferentes temáticas sobre a sexualidade devem ser contempladas pelo professor em diversas práticas pedagógicas; entretanto, ao serem repassadas devem conter limites, evitando expor ao público problemas e questões pessoais, para que a intimidade de cada um seja preservada. As informações durante o ensino devem ser dirigidas ao público de forma geral.

A atitude do professor é muito relevante para seus alunos; assim, torna-se necessário que se evitem comportamentos que causem constrangimentos. A forma como o professor se expressa pode ajudar o indivíduo a refletir sobre sua sexualidade ou condená-la, uma vez que os alunos depositam toda sua confiança em seus professores, enxergando-os como pessoas amigas que podem ajudar a resolver seus problemas.

Conforme Souza,

O professor jamais deve se escandalizar ou aplicar julgamentos àquilo que a criança ou jovem faz. A sua atitude é mais importante: é o que é visto e percebido pelos seus alunos, sendo mais marcante até aquilo que é dito (SOUZA, 2010, p. 78).

Uma boa orientação sexual possibilita ao aluno atitudes coerentes e objetivas. Se o papel do professor é o de formar cidadãos para a vida, que nessa formação ele possa estar incluindo a sexualidade como algo inerente à vida humana para que crianças e jovens possam diminuir suas angústias frente ao tema.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar a sexualidade na escola, especialmente nas salas de aula, deve ser uma atividade indispensável, visto que o trabalho de orientação sexual é fundamental para que os alunos construam comportamentos saudáveis, evitando posturas incorretas.

Quando contempladas pela prática docente, as informações sobre a sexualidade podem contribuir para o processo de prevenção e para a promoção da saúde de cada indivíduo.

Percebe-se que trabalhar a sexualidade com os alunos não é uma tarefa fácil para o professor, uma vez que muitas são as dificuldades encontradas para desenvolver o assunto, contudo se nota o quanto é essencial e necessário explorar este conteúdo.

A prática docente, na sua abordagem, deve considerar todos os aspectos que englobam a sexualidade, tais como: biológico, psíquico, cultural, político, econômico e social para que possa proporcionar eficaz e positivamente o bem-estar do aluno diante de sua sexualidade.

Isso nos leva a deduzir o quanto o papel do professor é valioso e significativo, desde que o mesmo esteja disponível a contribuir com seus alunos positivamente.

ABSTRACT

The teacher's role in the development of infantile sexuality is of great relevance, the teacher is the facilitator of knowledge required, and interacts directly with the student forward your questions and curiosities, helping to develop and practice of responsible sexuality. In this sense, we aimed to verify how the teacher can act effectively and positively in the development of sexuality Infantile. A methodology used is literature and qualitative research. Introducing this reflection on the role of the teacher as sexual counselor, we hope to contribute with some teachers who are in their practice many difficulties to address this topic in the classroom with the children.

Keyword: Childhood. Teacher. Sexuality.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara: 1973.

BOCK, Ana M. Bahia. **Psicologias**: Uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais, Ética. Brasília: MEC/SEF, 1997a.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, Helena Maria; SCHALL, Virgínia Torres; NOGUEIRA, Maria José. **Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes**: interlocuções com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S010311042013000200015&script=sci_arttext>. Acesso em: 29 jun. 2014.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**: da idade média à época contemporânea no ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JUNIOR, Álvaro Lorencini. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: AQUINO, J. G. (Coord.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1997. p. 87-95.

PINTO, Heloysa Dantas de Souza. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: AQUINO, J. G. (Coord.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1997. p. 43-51.

SAYÃO, Rosely. Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, J. G. (Coord.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1997. p. 97-106.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (Coord.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1997. p. 107-118.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Orientação Sexual: conscientização, necessidade e realidade**. Curitiba: Juruá, 2010.